

7



Fragmentos do
Império da Cobiça

roteiro de
Maria Helena Lopes



O PROFETA

Deitado na esteira, de boca prá cima, o sacerdote-jaguar de Yucatan escutou a mensagem dos deuses. Elaes falaram através do telhado, montados sobre sua casa, em um idioma que ninguém entendia.

Chilam Balam, que era a boca dos deuse, recordou o que ainda não tinha acontecido:

- Dispersados serão pelo mundo as mulheres que cantam e os homens que cantam e todos os que cantam... Ninguém se livrará, ninguém se salvará... Muita miséria haverá nos anos do império da cobiça. Os homens, escravos haverão de fazer-se. Triste estará o rosto do sol... Se despoará o mundo, se fará pequeno e humilhado...

O TEMPO

O tempo dos maias nasceu e teve nome quando não existia o céu e a terra ainda não tinha despertado.

Os dias partiram do oriente e começaram a caminhar.

O primeiro dia tirou de suas entranhas o céu e a terra.

o segundo dia fez a escada por onde a chuva desce.

Obras do terceiro foram os ciclos do mar e da terra e a multidão das coisas.

Por desejo do quarto dia, a terra e o céu se inclinaram e puderam encontrar-se.

O quinto dia decidiu que todos trabalhassem.

Do sexto saiu a primeira luz.

Nos lugares onde não havia nada, o sétimo dia pôs terra. O oitavo cravou na terra suas mãos e seus pés.

O nono dia criou os mundos inferiores. O décimo dia destinou aos mundos inferiores quem tem veneno na alma.

Dentro do sol, o décimo primeiro dia modelou a pedra e a árvore

Foi o décimo segundo quem fez o vento. Soprou vento e chamou-o de espírito, porque não havia morte dentro dele.

O décimo terceiro molhou a terra e com barro modelou um corpo como o nosso.

Assim se recorda em Yucután.



O SOL E A LUA

O primeiro sol, o sol de água, a inundação levou. Todos os que moravam no mundo se converteram em peixes.

O segundo sol, os tigres devoraram.

O terceiro, uma chuva de fogo, que incendiou as gentes, arrasou.

O quarto, o sol de vento, a tempestade apagou. As pessoas se transformaram em macacos e se espalharam pelos montes.

Pensativos, os deuses se reuniram em Teotihuacán.

- Quem se ocupará de trazer o amanhecer?

O senhor dos caracóis, famoso por sua força e por sua formosura, deu um passo adiante.

- Eu serei o sol - disse.

- Quem mais?

Silêncio.

Todos olhavam para o Pequeno Deus Sifilítico, o mais feio e desgraçado dos deuses, e disseram:

- Tu.

O Senhor dos caracóis e o Pequeno Deus Sifilítico se retiraram para os montes que agora são as pirâmides do sol e da lua. Ali, em jejum, meditaram.

Depois os deuses juntaram lenha, armaram uma fogueira enorme e os chamaram.

O Pequeno Deus Sifilítico tomou impulso e se atirou nas chamas. Em seguida, emergiu, incandescente, no céu.

O Senhor dos Caracóis olhou a fogueira com o cenho franzido. Avançou, retrocedeu, parou. Deu um par de voltas. Como não se decidia, tiveram de empurrá-lo. Com muita demora subiu ao céu. Os deuses, furiosos, o esmurraram. Bateram em sua cara com um coelho, uma e outra vez, até que mataram seu brilho. Assim, o arrogante Senhor dos Caracóis se transformou na lua. As manchas da lua são as cicatrizes daquele castigo.

Mas o sol resplandecente não se movia. O gavião de pedra voou até o Pequeno Deus Sifilítico:

- Por que não andas?

E respondeu o desprezado, o purulento, o corcunda, o manco:

- Porque quero o sangue e o reino.

Esse quinto sol, o sol do movimento, iluminou os toltecas e ilumina os astecas. Tem garras e se alimenta de corações humanos.

COLOMBO

Cai de joelhos, chora, beija o solo. Avança, tremendo, porque levava mais de um mês dormindo pouco ou nada, e a golpes de espada derruba uns arbustos.

Depois, ergue o estandarte. De joelhos, os olhos no chão, pronuncia tres vezes os nomes de Isabel e Fernando. Ao seu lado, o escrivão Rodrigo de Escobedo, homem de letra lenta, levanta a Ata.

Tudo pertence, desde hoje, a esses reis distantes: o mar de corais, as areias, os rochedos verdíssimos de musgo, os bosques, os papagaios e esses homens de barro que não conhecem ainda a roupa, a culpa nem o dinheiro e que contemplam, atordoados, a cena.

Luis de Torres traduz para hebraico as perguntas de Cristóvão Colombo:

- Conheceis o Reino de Gran Khan? De onde vem o ouro que levais pendurado nos narizes e orelhas?

Os homens nus olham para ele, boquiabertos, e o intérprete resolve tentar o idioma caldeu, que conhece um pouco:

- Ouro? Templos? Palácios? Rei dos reis? Ouro?

E depois tenta em árabe, o pouco que sabe:

- Japão? China? Ouro?

O intérprete se desculpa frente a Colombo na língua de castilha. Colombo amaldiçoa em genovês, e joga no chão as cartas-credenciais, escritas em latim e dirigidas ao Gran Kahn. Os homens nus assistem à cólera do forasteiro de cabelos vermelhos e pele crua, que veste capa de veludo e roupas de muita aparência.

Em seguida, correrá a voz pelas ilhas:

- Venham ver os homens que chagaram do céu! Tragam-lhes para comer e beber!

O DEUS UNIVERSAL



Montezuma venceu em Teuctepec.

Nos adoratórios, ardem os fogos. Ressoam os tambores. Um atrás do outro, os prisioneiros sobem as arquibancadas até a pedra redonda do sacrifício. O sacerdote trava-lhes no peito o punhal de pedra, ergue o coração em uma das mãos e mostra-o ao sol que brota dos vulcões azuis.

A que deus oferece o sangue? O sol o exige, para nascer cada dia e viajar de um horizonte ao outro. Mas as ostentosas cerimônias da morte também servem a outro deus, que não aparece nos códices nem nas canções.

Se esse deus não reinasse sobre o mundo, não haveria escravos nem amos, nem vassallos, nem colônias. Os mercadores astecas não poderiam arrancar dos povos submetidos um diamante a troco de um feijão, nem trocar uma esmeralda por um grão de milho, nem ouro por guloseimas, nem cacau por pedras. Os carregadores não atravessariam a imensidão do império em longas filas, levando nas costas toneladas de tributos. O povo ousaria vestir túnicas de algodão e beberia chocolate e teria a audácia de mostrar proibidas plumas de quetzal e pulseiras de ouro e magnólias e orquídeas reservadas aos nobres. Cairiam, então, as máscaras que ocultam os rostos dos chefes guerreiros, o bico da águia, os dentes do tigre, os penachos de plumas que ondulam e brilham no ar.

Estão manchadas de sangue as escadarias do templo maior e os crânios se acumulam no centro da praça. Não somente para que se mova o sol, não: também para que esse deus secreto decida no lugar dos homens. Em homenagem ao mesmo deus, do outro lado do mar, os inquisidores fritam os hereges nas fogueiras ou os retorcem nas câmaras de tormento. É o Deus do Medo. O Deus do Medo, que tem dentes de rato e asas de urubu.

(Tenochtitlán - 1506)

MONTEZUMA

Grandes montanhas chegaram, movendo-se pelo mar, até a costa de Yucatán. o deus Quetzalcóatl está de volta. Os índios beijam as proas dos barcos.

O imperador Montezuma desconfia de sua sombra.

- O que farei? Onde me esconderei?

Montezuma quisera converter-se em pedra ou pau. Os lobos da Corte não conseguem distraí-lo. Quetzalcóatl, o deus barbudo, o que tinha emprestado a terra e as bonitas canções, veio a exigir o que lhe pertence.

Nos antigos tempos, Quetzalcóatl tinha ido para o oriente, depois de queimar sua casa de ouro e sua casa de coral. Os mais belos pássaros voaram abrindo-lhe caminho. Fez-se ao mar em uma baloa de serpentes e se perdeu de vista navegando rumo ao amanhecer. De lá, regressa agora. O deus barbudo, a serpente emplumada, voltou com fome.

Trepida o solo. Nos caldeirões, bailam os pássaros enquanto são fervidos. Ninguém haverá de ficar, havia pressentido o profeta. Ninguém, ninguém, ninguém de verdade vive na terra.

Montezuma enviou grandes oferendas de ouro ao deus Quetzalcóatl, capacetes cheios de pó de ouro, patos de ouro, cães de ouro, tigres de ouro, colares e varas e arcos e flechas de ouro, mas quanto mais ouro come o deus, mais ouro deseja; e ansioso avança para Tenochtitlán. Marcha entre os grandes vulcões a atrás dele vêm outros deuses barbudos. Das mãos dos invasores brotam trovões que atordoam e fogos que matam.

- O que farei? Onde irei me meter?

Montezuma vive com a cabeça escondida entre as mãos.

Há dois anos, quando já se haviam multiplicado os presságios do regresso e da vingança, Montezuma enviou seus magos à gruta de Huémac, o rei dos mortos. Os magos desceram às profundidades de Chapultepec, acompanhados por uma comitiva de anões e corcundas, e entregaram a Huémac, enviada pelo imperador, uma oferenda de peles de presos recém-pelados. Huémac mandou dizer a Montezuma:

- Não tenha ilusões. Aqui não há descanso nem alegria.

Ordenou-lhe um jejum de manjares e dormir sem mulher.

Montezuma obedeceu. Fêz penitência longa. Os eunucos trancaram a pedra e pau nas habitações de suas esposas e os vizinhos esqueceram seus pratos preferidos.

Mas então foi pior. Os corvos da angústia se precipitaram sobre ele. Montezuma perdeu o amparo de Tlazotéotl, a deusa do amor que é também a deusa da merda, a que come nossa porcaria para que o amor seja possível; e assim a alma do imperador se inundou, em solidão, de lixo e negrura. Enviou novos mensageiros a Huémac, uma e outra vez, carregados de súplicas e presentes, até que no fim o rei dos mortos prometeu-lhe uma audiência.

Na noite combinada, Montezuma foi ao encontro. A barca deslizou até Chapultepec. O Imperador ia em pé na proa, e a névoa da lagoa abriu caminho a seu radiante penacho de plumas de flamingo.

Pouco antes de chegar ao pé do morro, Montezuma escutou um rumor de remos. Uma canoa irrompeu, veloz, e alguém resplandeceu por um instante na bruma negra: ia despido e solitário na canoa e erguia o remo como uma lança.

- És tu, Huémac?

O da canoa aproximou-se até quase roçá-lo. Olhou os olhos do imperador, como ninguém pode. Disse a ele: "Covarde". E desapareceu.

(Tenochtitlán -1519)

A CAPITAL DOS ASTECAS

Mudos de tanta beleza, os conquistadores cavalgam pela estrada. Tenochtitlán parece arrancada das páginas de Amadís, coisas nunca ouvidas, nem vistas, nem mesmo sonhadas... O sol se ergue atrás dos vulcões, entra na lagoa e rompe em fiapos a névoa que flutua. A cidade, ruas, açudes, templos de altas torres, se abre e fulgura. Uma multidão sai para receber os invasores, em silêncio e sem pressa, enquanto infinitas canoas abrem sulcos nas águas de cobalto.

Montezuma chega em liteira, sentado em suave pele de jaguar, debaixo de um pálio de ouro, pérolas e plumas verdes. Os senhores do reino vão varrendo o solo que ele pisará.

Elé dá as boas vindas ao deus Quetzalcóatl:

- Vieste sentar em teu trono - diz. - Vieste entre nuvens, entre névoas. Não te vejo em sonhos, não estou sonhando. Chegaste à tua terra.

Os que acompanham Quetzalcóatl recebem grinaldas de magnólias, rosas e girassóis, colares de flores nos pescoços, nos braços, nos peitos: a flor do escudo e a flor do coração, a flor de um aroma e a muito amarela.

Quetzalcóatl nasceu em Extremadura e desembarcou em terras da América com uma trouxinha de roupas ao ombro e um par de moedas no bolso. Tinha dezenove anos quando pisou as pedras do cais de São Domingos e perguntou: Onde está o ouro? Agora cumpriu trinta e quatro e é capitão de grande ventura. Veste armadura de ferro negro e conduz um exército de ginetes, lanceiros, balestreiros, escopeteiros e cães ferozes. Prometeu

aos seus soldados: Eu vos farei, em tempo muito breve, os mais ricos homens de quantos jamais hajam passado às Índias.

O imperador Montezuma, que abre as portas de Tenochtitlán, acabará logo. Daqui a pouco será chamado mulher dos espanhóis e morrerá de pedradas de sua gente. O jovem Cuauhtémoc ocupará seu lugar. Ele lutará.

(Tenochtitlán - 1519)

CORTÊS

Crepúsculo das altas chamas na costa de Veracruz. Onde navios estão ardendo e ardem os soldados rebeldes pendurados das traves de madeira da nau capitã. Enquanto abre sua bocarra o mar devorando as fogueiras, Hernán Cortês, de pé sobre a areia, aperta o pomo de sua espada e descobre a cabeça.

Não só as naves e os enforcados foram a pique. Já não haverá regresso; nem mais vida que a nascida a partir de agora, traga consigo o ouro e a glória ou o abutre da derrota. Na praia de Veracruz afundaram os sonhos dos que bem que gostariam de voltar a Cuba, para dormir a sesta colonial em redes tecidas, envolvidos em cabeleiras de mulher e fumaça de charuto: o mar conduz ao passado e a terra, ao perigo. Em lombo de cavalo irão os que puderem pagá-lo, os demais irão a pé: setecentos homens México adentro, até as serras e os vulcões e o mistério de Montezuma.

Cortês ajusta seu chapéu de plumas e dá as costas às chamas. De um galope chega ao casario indígena de Cempoala, enquanto cai a noite. Não diz nada à tropa. Logo ficarão sabendo.

Rebe vinho, sozinho em sua tenda. Talvez pense nos homens que matou sem confissão ou nas mulheres que penetrou sem boda desde seus dias de estudante em Salamanca, que tão remotos parecem, ou em seus perdidos anos de burocrata nas Antilhas, durante o tempo de espera. Talvez pense no governador Diego Velásquez, que estará tremendo de fúria em Santiago de Cuba. Com certeza sorri, ao pensar neste dormilão boboca, cujas ordens nunca mais obedecerá; ou na surpresa que espera os soldados que está escutando amaldiçoar nas rodas de dados e baralho do acampamento.

Algo disso anda em sua cabeça, ou talvez a fascinação e o pânico dos dias que estão por vir; e então ergue o olhar, a vê na porta e à contraluz a reconhece. Se chamava Malinali ou Malinche quando o cacique de Tabasco deu-a de presente a ele. Faz uma semana que se chama Marina.

Cortês lhe diz umas quantas palavras, enquanto ela, imóvel, espera. Depois, sem um gesto, a moça desata os cabelos e a roupa. Um redemoinho de tecidos coloridos cai entre seus pés despidos e ele cala quando o corpo dela aparece e resplandece.

A poucos passos dali, o soldado Bernal Díaz del Castillo escreve, à luz da lua, a crônica da jornada. Usa como mesa um tambor.

(Cempoala - 1519)

POR AMOR ÀS FRUTAS

Gonzalo Fernández de Oviedo, recém-chegado, prova as frutas do Novo Mundo.

A goiaba lhe parece muito superior à maçã.

A fruta-do-conde -e formosa e oferece uma polpa branca, aguada, de muito temperado sabor, que por muito que se coma não causa dano nem e empanturra.

O mamey tem um sabor de lambar os lábios e cheira muito bem. Não existe nada melhor, opina.

Mas morde uma nêspera e lhe invade a cabeça um aroma que nem o almiscar iguala. A nêspera é a melhor fruta, corrige, e não se acha coisa que se lhe possa comparar.

Descasca, então, um abacaxi. O dourado abacaxi cheira como gostariam de cheirar os pêssegos e é capaz de abrir o apetite de quem já nem lembra a vontade de comer. Oviedo não conhece palavras que mereçam dizer suas virtudes. Se alegam seus olhos, seu nariz, seus dedos, sua língua. Esta supera todas, sentença, como as plumas do pavão real resplandecem sobre as de qualquer ave.

(Santa Maria do Darién - 1514)

A DISTRIBUIÇÃO DA RIQUEZA

Murmura-se e luta-se no acampamento dos espanhóis. Os soldados não têm mais remédio que entregar as barras de ouro salvadas do desastre. Quem esconda algo, será enforcado.

As barras provêm das obras dos ourives e dos escultores do México. Antes de converter-se em presa de guerra e fundir-se em lingotes, este ouro foi serpente a ponto de morder, tigre a ponto de saltar, águia a ponto de voar ou punhal que serpenteia e corre como rio no ar.

Cortês explica que este ouro não é mais que gotinhas comparado com o que os espera. Retira a quinta parte para o rei, outra quinta parte para ele, mais o que cabe ao seu pai e ao cavalo que morreu, e entrega aos capitães quase todo o resto. Pouco ou nada recebem os soldados, que lamberam este ouro, o morderam, o pesaram na palma da mão, dormiram com ele debaixo da cabeça e contaram a ele seus sonhos de vingança.

Enquanto isso, o ferro em brasa marca a cara dos escravos índios recém-capturados em Tepeaca e Huauquechula.

O ar cheira a carne queimada.

(Segura de la Frontera - 1520)



DIA DE GLÓRIA

Anunciaram as trombetas os heraldos. Soam os sinos e os tambores rufam alegrias.

O Almirante, recém-retornado das Índias, sobe a escadaria de pedra e avança sobre o tapete carmesim, entre os brilhos de seda da Corte que o aplaude. O homem que realizou as profecias dos santos e dos sábios chega ao estrado, se ajoelha e beija as mãos da rainha e do rei.

Lá de trás, irrompem os troféus. Cintilam sobre as bandejas as peças de ouro que Colombo trocou por espelinhos e bonés vermelhos nos remotos jardins que brotaram do mar.

Sobre ramagens e folhagens, desfilam as peles de lagartos e serpentes; e atrás entram, tremendo, chorando, seres jamais vistos. São os poucos que ainda sobrevivem ao resfriado, ao sarampo e ao asco pela comida e pelo mau cheiro dos cristãos. Não chegam nus, como estavam quando se aproximaram das três caravelas e foram presos. Acabam de ser cobertos por calças, camisas e uns quantos papagaios que puseram em suas mãos e sobre suas cabeças e ombros. Os papagaios, depenados pelos maus ventos da viagem, parecem tão moribundos como os homens. Das mulheres e crianças capturadas, não sobrou nenhuma.

Escutam-se murmúrios no salão. O ouro é pouco e em nenhum lado se vê pimenta-negra, ou noz-moscada, ou cravo, ou gengibre; e Colombo não trouxe sereias barbudas ou homens com rabo, desses que têm um olho só e um único pé, tão grande o pé que erguendo-o se protegem dos sóis violentos.

(Barcelona - 1493)

DA DESCRIÇÃO DE JOHN UNDERHILL, PURITANO DE CONNECTICUT,
SOBRE UMA MATANÇA DE ÍNDIOS PEQUOT

Eles não sabiam nada de nossa chegada. Estando perto do forte, nos encomendamos a Deus e suplicamos Sua assistência em tão pesada empresa...

Não pudemos outra coisa além de admirar a Divina Providência quando nossos soldados, inexperientes no uso das armas, lançaram uma carga tão cerrada que parecia que o dedo de Deus tivesse posto fogo na mecha. Ao romper do dia, a descarga provocou terror nos índios, que estavam profundamente adormecidos, e escutamos os gritos mais cheios de lamento. Se Deus não tivesse preparado o coração nosso para o Seu serviço, teríamos sido movidos à comiseração. Mas havendo Deus nos despojado de piedade, nos dispusemos a cumprir nosso trabalho sem compaixão, considerando o sangue que os índios tinham derramado quando trataram barbaramente e assassinaram a uns trinta de nossos compatriotas. Com nossas espadas na mão direita e nossas carabinas ou mosquetões na mão esquerda, atacamos...

Muitos morreram queimados no forte... Outros foram forçados a sair e nossos soldados os recebiam com as pontas das espadas. Caíram homens, mulheres e crianças; os que escapavam de nós, caíam nas mãos de nossos índios aliados, que esperavam na retaguarda. Segundo os índios pequot, havia umas quatrocentas almas nesse forte, e nem mesmo cinco conseguiram escapar de nossas mãos. Grande e lastimável foi a visão do sangue para os jovens soldados que nunca tinham estado na guerra, vendo tantas almas que jaziam de boca arfante no chão e tão amontoados que em algumas partes não se podia passar.

Se poderia perguntar: por que tanta fúria? (Como alguém disse) Não deveriam ter os cristãos mais clemência e compaixão? E eu respondo recordando a guerra de David. Quando um povo chegou a tal ponto de sangue e pecado contra Deus e o homem, David não respeita as pessoas, e sim as rasga e destroça com sua espada e lhes dá a morte mais terrível. Às vezes as escrituras declaram que as mulheres e crianças devem perecer junto a seus pais. às vezes se dão casos diferentes, mas não vamos discutir isso agora. Suficiente luz recebemos da Palavra de Deus, para nos procederes.

(Mystic Fort - 1637)

FUMAÇAS DE VIRGÍNIA NA NÉVOA DE LONDRES



O REI (Jacó I da Inglaterra, VI da Escócia). Escreveu: o tabaco converte em uma cozinha as partes interiores do homem, sujando-as ou infectando-as com uma espécie de fuligem untuosa e gordurosa. Também escreveu que quem fuma imita as bárbaras e bestiais maneiras dos selvagens e servís índios sem Deus.

JOHN ROLFE. Colono inglês de Virgínia. Um dos membros mais distintos deste povo apontado e escolhido pelo dedo de Deus - segundo o próprio Rolfe define aos seus. Com sementes levadas da ilha de Trinidad à Virgínia, fez boas misturas de Tabaco em suas plantações. Há 3 anos despachou para Londres, nos porões do Elizabeth, quatro tonéis cheios de folhas, que iniciaram o recente, mas já frutífero, comércio de tabaco com a Inglaterra. Bem se pode dizer que John Rolfe colocou o tabaco no trono de Virgínia, como planta-rainha de poder absoluto. No ano passado veio a Londres com o governador Dale, buscando novos colonos e novos investimentos para a Companhia de Virgínia e prometendo lucros fabulosos a seus acionistas, porque o Tabaco será para a Virgínia o que a prata é para o Peru. Também veio para apresentar ante o rei Jacó sua esposa, a princesa Índia Pocahontas, batizada Rebeca.


SIR THOMAS DALE. Governador de Virgínia até o ano passado. Autorizou a boda de John Rolfe e a princesa Pocahontas, primeiro matrimônio anglo-índio da história de Virgínia, por entender que era um ato de alta conveniência política, que contribuiria ao pacífico submisstro de grãos e braços por parte da população indígena. Entretanto, em sua solicitação de permissão, John Rolfe não mencionava este aspecto do assunto. Tampouco mencionava o amor, embora se ocupasse de negar terminantemente qualquer desenfreado desejo em relação à sua bela noiva de dezoito anos de idade. Dizia Rolfe que queria casar-se com essa pagã de rude educação, bárbaras maneiras e geração condenada, pelo bem desta plantação, pela honra de nosso país, pela glória de Deus, por minha própria salvação e para converter ao verdadeiro conhecimento de Deus e Jesus Cristo uma criatura incrédula.

POCAHONTAS. Também chamada Matoaka enquanto viveu com os índios. Filha predileta do grande chefe Powhatan. Desde que se casou com John Rolfe, Pocahontas renunciou à idolatria, passou a chamar-se Rebe-

ca e cobriu com roupa inglesa sua nudez. Usando chapéu de copa e borda dos altos no pescoço, chegou a Londres e foi recebida na Corte. Falava como inglesa e pensava como inglesa; devotamente partilhava a fé calvinista de seu esposo e o tabaco de Virgínia encontrou nela a mais hábil e exótica propaganda que necessitava para se impor em Londres. De doença inglesa morreu. Navegando pelo Tâmesa de regresso à Virgínia, e enquanto o barco esperava ventos favoráveis, Pocahontas exalou seu último suspiro nos braços de John Rolfe, em Gravesend, no mês de março deste ano de 1617. Não tinha cumprido vinte e um anos.

OPECHANCAHOUGH. Tio de Pocahontas. Irmão mais velho do grande chefe Powhatan. Foi Opechancanough quem entregou a noiva na igreja protestante de Jamestown, igreja nua, de troncos, há três anos. Não disse uma palavra durante a cerimônia, nem antes, nem depois, mas Pocahontas contou a John Rolfe a história de seu tio. Opechancanough viveu em outros tempos na Espanha e no México, foi cristão e se chamou Luis de Velasco, mas nem bem o devolveram à sua terra e atirou ao fogo o crucifixo e a capa e a gola, degolou os padres que o acompanhavam e recuperou seu nome de Opechancanough, que na língua dos algonquins significa o que tem a alma limpa.

(Londres - 1617)



UMA CARTA

Aperta a cabeça perseguindo as palavras que aparecem e fogem: Não olhem minha baixeza de ser e rudeza de dizer, suplica, e sim a vontade com que a dizê-lo sou movido.

Frei Bartolomé de Las Casas escreve ao Conselho das Índias. Melhor teria sido para os índios, afirma, ir ao inferno com sua infidelidade, seu pouco a pouco e a sós, que ser salvo pelos cristãos. Já chegam aos céus os alaridos de tanto sangue humano derramado: os queimados vivos, assados em grelhas, jogados a cachorros bravos...

Levanta, caminha. Entre nuvens de pó ondula o hábito branco.

Depois, senta na beirada da cadeira cravejada de tachinhas. Com a pluma coça o nariz longo. A mão ossuda escreve. Para que na América se salvem os índios e se cumpra a lei de Deus, propõe que a cruz mande na espada. Que se submetam as guarnições aos bispos; e que se man

dem colonos para cultivar a terra ao abrigo das praças-fortes. Os colonos, diz, poderiam levar escravos negros ou mouros ou de outra sorte, para servir-se, ou viver por suas mãos, ou de outra maneira que não fosse em prejuízo dos índios...

(São Domingos - 1531)



AS AMAZONAS

Não tinha jeito ruim a batalha, hoje, dia de São João. Dos bergantins, os homens de Francisco de Orellana estavam esvaziando de inimigos, com rajadas de arcabuz e de balestra, as brancas canoas vindas da costa.

Mas aí, a bruxa deu as caras. Apareceram as mulheres guerreiras, tão belas e ferozes que eram um escândalo, e então as canoas cobriram o rio e os navios saíram correndo, rio acima, como porco-espinhos assustados, erizados de flechas de proa a popa e até no mastro-mor

As capitãs lutaram rindo. Se puseram à frente dos homens, fêmeas garbosas, e já não houve medo na aldeia de Conlapayara. Lutaram rindo e dançando e cantando, as tetas vibrantes ao ar, até que os espanhóis se perderam para lá da boca do rio Tapajós, exaustos de tanto esforço e assombro.

Tinham ouvido falar destas mulheres, e agora acreditam. Elas vivem ao sul, em senhorios sem homens, onde afogam os filhos que nascem varões. Quando o corpo pede, dão guerra às tribos da costa e conseguem prisioneiros. O devolvem na manhã seguinte. Ao cabo de uma noite de amor, o que chegou rapaz regressa velho.

Orellana e seus soldados continuarão percorrendo o rio mais caudaloso do mundo e sairão ao mar sem piloto, nem bússola nem carta de navegação. Viajam nos bergantins que eles construíram ou inventaram a golpes de machado, em plena selva, fazendo pregos e bisagras com as feraduras dos cavalos mortos e soprando o carvão com botinas convertidas em foles. Deixam-se ir sem rumo pelo rio das Amazonas, costeando a selva, sem energias para o remo, e vão murmurando orações: rogam a Deus que sejam machos, por mais machos que possam ser, os próximos inimigos.

(Conlapayara - 1542)

A MALINCHE

De Cortês teve um filho, e para Cortês abriu as portas de um Império. Foi sua sombra e vigia, intérprete, conselheira, mensageira e amante, tudo isso ao longo da sua conquista do México; e continua cavalgando ao seu lado.

Passa por Painala vestida de espanhola, veludos, sedas, cetins, e no princípio ninguém reconhece a florida senhora que vem com os novos amos. Do alto de um cavalo alazão, a Maliche passeia seu olhar pelas margens do rio, respira fundo o aroma adocicado do ar e busca, em vão, os rincões da folhagem onde há mais de vinte anos descobriu a magia e o medo. Passaram-se muitas chuvas e vendavais e penas e pesares desde que sua mãe vendeu-a como escrava e foi arrancada da terra mexicana para servir aos senhores maias de Yucatán.

Quando a mãe descobre quem é que chegou de visita a Painala, se atira a seus pés e se banha em lágrimas suplicando perdão. A Malinche detém a choradeira com um gesto, levanta sua mãe pelos ombros, abraça-a e pendura em seu pescoço os colares que usa. Depois, monta o cavalo e segue seu caminho junto aos espanhóis.

Não necessita odiar sua mãe. Desde que os senhores de Yucatán a deram de presente a Hernán Cortês, há quatro anos, a Malinche teve tempo de vingar-se. A dívida está paga: os mexicanos se inclinam e tremem quando a vêem chegar. Basta um olhar de seus olhos negros para que um príncipe balance na força. Sua sombra flutuará, além da morte, sobre a grande Tenochtitlán que ela tanto ajudou a derrotar e a humilhar, e seu fantasma de cabelos soltos e túnica flutuante continuará matando medo, para sempre, saído dos bosques e das grutas de Chapultepec.

(Painala - 1523)

INÊS SUÁREZ

Há poucos meses, Pedro de Valdívia descobriu este monte e este vale. Os araucanos, que tinham feito a mesma descoberta milhares de anos antes, chamavam o monte de Huelén, que significa dor. Valdívia batizou-o de Santa Luzia.

Da crista do morro, Valdívia viu a terra verde entre os braços do rio e decidiu que não existia no mundo melhor lugar para ofe-

recer uma cidade ao apóstolo Santiago, que acompanha os conquistadores e luta por eles.

Cortou os ares sua espada, nês quatro rumos da rosa-dos-ventos, e assim nasceu Santiago do Novo Extremo. Assim cumpre, agora, seu primeiro verão: umas poucas casas de barro e madeira, com telhado de palha, a praça ao centro, a paliçada ao redor.

Apenas cinquenta homans ficaram em Santiago. Valdívía anda com os outros pelas ribeiras do rio Cachapoal.

Ao despontar o dia, a sentinela dá o grito de alarma do al toda paliçada. Pelos quatro cantos aparecem os esquadrões indígenas.

Os espanhóis escutam os alaridos de guerra e em seguida cai em cima deles um vendaval de flechas.

Ao meio dia, algumas casas são pura cinza e a paliçada caiu. Luta-se na praça, corpo a corpo.

Inês corre então até a choça onde funciona a prisão. O guardião vigia, ali, os sete chefes araucanos que os espanhóis tinham prendido tempos atrás. Ela sugere, suplica, ordena que lhes cortem as cabeças.

- Como?
- As cabeças!
- Como?
- Assim!

Inês agarra uma espada e as sete cabeças voam pelos ares.

A batalha muda de direção. As cabeças convertem os sitiados em perseguidores. Na acometida, os espanhóis não invocam o apóstolo Santiago, mas Nossa Senhora do Socorro.

Inês Suárez, a malaguenha, tinha sido a primeira a acudir quando Valdívía alçou a bandeira de alistamento em sua casa em Cuzco. Veio a estas terras do sul à cabeça das hostes invasoras, cavalgando ao lado de Valdívía, espada de aço bom e cota de fina malha, e desde então junto a Valdívía marcha, luta e dorme. Hoje, ocupou seu lugar.

É a única mulher entre os homens. Eles dizem: "É um macho" e a comparam com Roldão e com El Cid, enquanto ela esfrega azeite sobre os dedos do capitão Francisco de Aguirre, que ficaram presos no punho da espada e não existe maneira de abri-los, embora a guerra, por enquanto, tenha terminado.

(Santiago do Chile - 1541)

A PRIMEIRA INDEPENDÊNCIA DA AMÉRICA



Foi coroado ontem. Os macacos apareceram, curiosos, entre as árvores. Da boca de Fernando de Guzmán escorria suco de fruta-do-conde e havia sóis em seus olhos. Um após outro, os soldados se ajoelharam frente ao trono de madeira e palha, beijaram a mão do eleito e juraram obediência. Depois assinaram a ata, com nome ou cruz, todos os que não eram mulheres, nem criados, nem índios, ou negros. O escrivão deu fé e testemunho e proclamada ficou a independência.

Os buscadores do Eldorado, perdidos no meio da selva, têm agora o seu próprio monarca. Nada os une à Espanha, a não ser o rancor. Negaram vassalagem ao rei do outro lado do mar:

- Não o conheço! - gritou ontem Lope de Aguirre, puro osso e cólera, erguendo sua espada coberta de mofo. - N-ao o conheço, nem quero conhecê-lo, ou tê-lo, ou obedecê-lo!

Na choça maior da aldeia se instala a corte, à luz de um candelabro, o príncipe Fernando come incessantes broas de mandioca regadas de mel. É servido por seus pajens; entre broa e broa, dá ordens a seus secretários, dita decretos aos escrivãos e concede audiências e mercês. O tesoureiro do reino, o capelão, o mordomo-mor e o mestre-sala vestem gibões em farrapos e têm as mãos inchadas e os lábios partidos. O chefe-de-campo é Lope de Aguirre, manco, caolho, quase anão, pele queimada, que pelas noites conspira e durante o dia dirige a construção dos bergantins.

Soam os golpes de machados e de martelos. As correntes do Amazonas despedaçaram as naus, mas já duas novas quilhas se erguem na areia. A selva oferece boa madeira. Com o couro dos cavalos, fizeram folles. Das ferraduras, saíram pregos, pernos e pinças.

Atormentados pelos mosquitos e pernilongos, envolvidos nos vapores da umidade e da febre, os homens esperam que os barcos cresçam. Comem ervas e carne de urubu, sem sal. Já não sobram cães ou cavalos e os anzóis não trazem mais que barro e algas podres; mas ninguém no acampamento duvida que chegou a hora da vingança. Saíram há meses do Peru, em busca do lago onde, conta a lenda, há ídolos de ouro maciço grandes como rapazes, e ao Peru querem regressar, agora, em pé de guerra. Não vão perder nem um dia mais perseguindo a terra da promessa, porque entende

ram que já a conhecem e estão fartos de maldizer seu azar. Navegarão o Amazonas, sairão ao oceano, ocuparão a ilha Margarita, invadirão a Venezuela e o Panamá...

Os que dormem, sonham com a prata de Potosí. Aguirre, que jamais fecha o olho que lhe resta, vê essa prata acordado.

(Vila dos Bergantins - 1561)

AS DANÇAS DO DIABO VÊM DA AMÉRICA

Graças ao cadáver de São Isidro, que nas últimas noites dormiu ao seu lado, o Rei Felipe III sente-se melhor. Este meio-dia comeu e bebeu sem se sufocar. Seus pratos favoritos acenderam seus olhos e esvaziou de um gole o copo de vinho.

Molha agora seus dedos na bacia de água que um pajem, ajoelhado, lhe oferece. O panetier estende o guardanapo ao mordomo de turno, o mordomo de turno passa o guardanapo ao mordomo principal. O mordomo principal se inclina frente ao duque de Uceda. O duque apanha o guardanapo. Inclinando a testa, o estende ao rei. Enquanto o rei seca as mãos, o trinchante sacode as migalhinhas de sua roupa e o sacerdote eleva uma oração de graças a Deus.

Felipe boceja, desabotoa o colarinho de rendas, pergunta o que há de novo.

O duque conta que vieram ao palácio os da Junta de Hospitais. Se queixam de que o público se nega a ir ao teatro desde que o rei proibiu os bailes; e os hospitais vivem dos teatros de comédias. "Senhor", disseram os da Junta ao duque, "desde que não há bailes não há ingressos. Os doentes morrem. Não temos com quem pagar as vendas ou os médicos". Os atores recitam versos de Lope de Vega que elogiam o índio americano:

Taquítan mitanacuní,
espanhol daqui prá lá.
... Na Espanha não há amor,
creio-o assim:
lá reina o interesse,
e o amor reina aqui.

Mas da América o público exige cantorias salgadas e danças que põe fogo nos mais honestos. De nada vale que os atores façam as pedras chorar e os mortos rirem, nem que as artes de tramóia arranquem

relâmpagos às nuvens de papelão. "Se os teatros continuam vazios", gemem os da Junta, "os hospitais terão de fechar".

- Respondi-lhes - diz o duque - que Sua Alteza decidiria. Felipe coça o queixo, investiga as próprias unhas.
- Se Sua Majestade não mudou de parecer... o proibido, proibido está, e bem proibido.

A sarabanda e a chacona fazem brilhar os sexos na escuridão. O padre Mariana tinha denunciado estas danças, inventos de negros e de selvagens americanos, infernais nas palavras e nos gestos. Até nas procissões se escutam suas rimas de elogio ao pecado; e quando brotam seus sons lascivos dos pandeiros e castanholas, já não são donas de suas pernas as monjas dos conventos e a cócega do Diabo dispara suas cadeiras e ventres.

O olhar do rei persegue os andares de uma mosca gorda, folgazã, entre os restos do banquete.

- E tu, o que opinas? - pergunta o rei à mosca.

O duque se dá por mencionado!

- Estes bailes de impostores são música de festa de bruxas, como bem o disse Sua Majestade, e o lugar das bruxas está nas fogueiras da Praça Maior.

Os manjares desapareceram da mesa, mas persiste o aroma pegajoso no ar.

Balbuçiante, ordena o rei à mosca:

- Decida tu.

- Nem o pior inimigo poderia acusar Sua Alteza de intolerância - insiste o duque. - Indulgente foi Sua Majestade. Nos tempos do rei seu pai, que o tenha Deus em sua Glória...

- Não és tu quem manda? - murmura Felipe.

- ... outros prêmios recebia quem ousasse ballar a sarabanda! Duzentos açoites e, depois, remar galeras!

- Tu, digo - sussura o rei, e fecha os olhos.

- Tu, - e uma bolotinha espumosa, saliva que sempre lhe sobra na boca, aparece entre seus lábios.

O duque insinua um protesto e em seguida se cala e retrocede nas pontas dos pés.

Felipe vai-se afundando em torpor, pesadas as pestanas, e sonha com uma mulher gorda e nua que devora baralhos. (Madrid - 1620)

MARIA, MATRONA DA PARÂNDULA



Cada dia tenho mais problemas e menos marido! - suspira Maria del Castillo. Aos seus pés, o tramoísta, o apontador e a primeira atriz oferecem consolos e brisas de seu leque.

No túrbio crepúsculo, os guardas da Inquisição arrancam Juan dos braços de Maria e atiraram-no ao cárcere porque línguas envenenadas dizem que ele disse, enquanto escutava o evangelho:

- Eia! Que não tem outra coisa que viver e morrer!

Poucas horas antes, na praça da matriz e pelas quatro ruas que dão esquina aos mercadores, o negro Lázaro tinha apregoado as novas ordens do vice-rei sobre os teatros de comédias.

Manda o vice-rei, conde de Chinchón, que uma parede de pau-a-pique separe as mulheres dos homens no teatro, sob pena de cárcere e multa a quem invada o território do outro sexo. Também dispõe que acabem as comédias mais cedo, ao repicarem os sinos de oração, e que entrem e saiam homens e mulheres por portas diferentes, para que não continuem as graves ofensas contra Deus Nosso Senhor na escuridão dos becos. E se isso fosse pouco, o vice-rei decidiu que baixem os preços das entradas.

Nunca me terá! - clama Maria - Por muita guerra que me declare, nunca me terá!

Maria del Castillo, grande chefe dos cômicos de Lima, leva intacto o ar e a beleza que a fizeram célebre, e aos sessenta longos anos ainda ri das tapadas, que com um xale cobrem um olho: como ela tem belos os dois, a cara descoberta olha, seduz e assusta. Era quase menina quando escolheu este ofício de maga; e faz meio século que enfeitiça multidões nos palcos de Lima. Mesmo que queira, explica, já não poderia mudar o teatro pelo convento, pois não gostaria Deus de tê-la como esposa, depois de três matrimônios tão desfrutados.

Por muito que agora os inquisidores a deixem sem marido e que os decretos do governo pretendam espantar seu público, Maria jura que não entrará na cama do vice-rei:

- Nunca, nunca!

Contra o vento e as marés, sozinha e solitária, ela continuará oferecendo obras de capa e espada em seu teatro de comédias, atrás do mosteiro de Santo Agostinho. Daqui a pouco reporá A Monja Alferez, do

notável engenheiro peninsular Juan Pérez de Montalbán, e estreará um par de obras bem apimentadas, para que todos dançam e cantem e tremam de emoção nesta cidade onde nunca acontece nada, tão chata que morrem todos bocejando.

(Lima - 1630)



JUANA AOS DEZESSEIS

Nos navios, o sino marca os quartos de hora da vigília marinha. Nas grutas e nos canaviais, empurra para o trabalho os índios e os escravos negros. Nas igrejas dá a hora e anuncia missas, mortes e festas.

Mas na torre do relógio, sobre o palácio do vice-rei do México, há um sino mudo. Segundo contam, os inquisidores o tiraram do campanário de uma velha aldeia espanhola, arrancaram o seu badalo e o destrerraram para as índias, já não se sabe há quantos anos. Desde que mestre Rodrigo o criou em 1530, este sino tinha sido sempre claro e obediente. Tinah, dizem, trezentas vozes, segundo o toque ditado pelo sineiro, e todo mundo estava orgulhoso dele. Até que uma noite seu longo e violento repicar fez todo mundo saltar da cama. Tocava solto o sino, deitado pelo alarma ou a alegria ou sabe-se lá porquê, e pela primeira vez ninguém entendeu o sino. Juntou-se uma multidão no átrio enquanto o sino tocava sem parar, enlouquecido, enquanto o alcaide e o padre subiram na torre e comprovaram, gelados de espanto, que ali não havia ninguém. Nenhuma mão humana o movia. As autoridades acudiram à Inquisição. O tribunal do Santo Ofício declarou nulo e sem nenhum valor o repicar deste sino, que foi calado para sempre e expulso para o exílio no México.

Juana Inês de Asbaje abandona o palácio de seu protetor, o vice-rei Mancera, e atravessa a praça principal seguida de dois índios que carregam seus baús. Ao chegar à esquina, para e olha a torre, como se tivesse sido chamada pelo sino sem voz. Ela conhece sua história. Sabe que foi castigado por cantar por conta própria.

Juana caminha rumo ao convento de Santa Teresa a Antiga. Já não será uma dama de corte. Na serena luz do claustro e na solidão de sua cela, buscará o que não pode encontrar lá fora. Quisera estudar na universidade os mistérios do mundo, mas as mulheres nascem condenadas ao quarto de bordar e ao marido que as escolhem. Juana Inês de Asbaje será carmelita descalça, e se chamará Sor Juana Inês de la Cruz.

(Cidade do México - 1667)

JUANA AOS TRINTA

Depois de rezar as matinas e as laudes, põe um pião dançando em cima da farinha e estuda os círculos que ele desenha. Investiga a água e a luz, o ar e as coisas. Por que o ovo se une no óleo fervente e se despedaça em calda de açúcar? Em triângulos de alfinetes, busca o anel de Salomão. Com um olho grudado no telescópio, caça estrelas.

Ameaçaram-na com a Inquisição e lhe proibiram de abrir os livros, mas sor Juana Ines de la Cruz estuda nas coisas que Deus criou, servindo-me elas de letras e de livro, toda esta máquina universal.

Entre o amor divino e o amor humano, entre os quinze mistérios do rosário pendurado em seu pescoço e os enigmas do mundo se debate sor Juana; e muitas noites passa em branco, orando, escrevendo, quando recomeça em seu interior a guerra infinita entre a paixão e a razão. No final de cada batalha, a primeira luz do dia entra em sua cela no convento das jerônimas e ajuda sor Juana a recordar o que disse Lupericio Leonardo, aquela frase que diz que bem se pode filosofar e temperar a ceia. Ela cria poemas na mesa e no forno, massas folhadas; letras e delícias para dar de presente, músicas da harpa de David curando Saul e curando também David, alegrias da alma e da boca condenadas pelos advogados da dor.

- Só o sofrimento te fará digna de Deus - diz-lhe o confessor, que ordena que ela queime o que escreve, ignore o que sabe e não veja o que olhe.

(Cidade do México - 1681)



JUANA AOS QUARENTA



Um jorro de luz branca, luz de cal, metralha sor Juana Inês de la Cruz, ajoelhada no centro do palco. Ela está de costas e olha para o alto. Lá em cima um enorme Cristo sangra, abertos os braços, sobre o estrado empinado, forrado de veludo negro e espetado de cruces, espadas e estandartes. No estrado, dois promotores acusam.

Todo mundo é negro, e negros são os capuzes que mascaram os promotores. Um, porém, leva hábito de monja e debaixo do capuz aparecem os cachos avermelhados da peruca: é o bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz, no papel de sor Filotea. O outro, Antonio Nuñez de Miranda, confessor de sor Juana, se representa a si mesmo. Seu nariz aquilino, que faz volume no capuz, se move querendo soltar-se do dono.

SOR FILOTEA (bordando em um bastidor) - Misterioso é o Senhor. Para quê, me pergunto, terá posto cabeça de homem no corpo de sor Juana? Para que se ocupe das rasteiras notícias da terra? Aos Livros Sagrados, nem se digna a dar uma olhada.

O CONFESSOR (apontando sor Juana com uma cruz de madeira) - Ingrata!

SOR JUANA (pregados os olhos em Cristo, por cima dos promotores) - Mal correspondo à generosidade de Deus, é verdade. Eu só estudo para ver se com estudar, ignoro menos, e aos cumes da Sagrada Teologia dirijo meus passos; mas muitas coisas estudei e nada, ou quase nada, aprendi. Longe de mim as divinas verdades, sempre longe... Tão próximas as sinto às vezes, e tão distantes as sei! Desde que era muito menina... Aos cinco ou seis anos buscava nos livros de meu avô essas chaves, essas claves... Lia, lia. Me castigavam e lia, escondida, buscando...

O CONFESSOR (a sor Filotea) - Jamais aceitou a vontade de Deus. Agora, até letra de homem tem. Eu vi seus versos manuscritos!

SOR JUANA - Buscando... Muito cedo soube que as universidades não são para mulheres, e que se tem por desonesta a que sabe mais do que rezar o Pai-Nosso. Tive por mestres livros mudos, e por condiscípulo, um tinteiro. Quando me proibiram os livros, como mais de uma vez ocorreu neste convento, me pus a estudar nas coisas do mundo. Até cozinhando se pode descobrir segredos da natureza.

SOR FILOTEA - A Real e Pontifícia Universidade da Fritura! Como sede, uma caçarola!

SOR JUANA - O que podemos saber as mulheres além de filosofias de cozinha? Mas se Aristóteles tivesse cozinhado, muito mais teria escrito. Provoca risos, não é? Pois riam, se lhes dá prazer. Muito sábios se sentem os homens. Também Cristo foi coroado com espinhos por ser rei de caçadas.

O CONFESSOR (apaga-se o riso; bate na mesa com a mão) - Vejam isso! A pedante freirinha! Como sabe fazer versinhos, se compara com o Messias.

SOR JUANA - Também Cristo sofreu esta ingrata lei. Por ter o sinal? pois que padeça! Por ter sido apontado? Pois que morra!

O CONFESSOR - Que humildade!

SOR FILOTEA - Vamos, filha, que se escandaliza Deus com semelhante orgulho falador...

SOR JUANA - Meu orgulho? (sorri triste) Tempo faz que se gastou.

O CONFESSOR - Como celebra o vulgo seus versos, acredita-se uma eleita. Versos que envergonham esta casa de Deus, exaltam a carne ... (tosse) Artes ruins de macho...

SOR JUANA - Meus pobres versos! Pó, sombra, nada. A glória vã, os aplausos... Será que os solicitei? Que revelação divina proíbe as mulheres de escrever? Por graça ou maldição, foi o Céu quem me fez poeta.

O CONFESSOR (olha o teto e ergue as mãos, suplicando) Ela suja a pureza da fé e a culpa é de Cristo!

SOR FILOTEA (afasta o bastidor e enlaça os dedos sobre o ventre) Muito canta sor Juana ao humano, e pouco, pouco ao divino.

SOR JUANA - Não nos ensinam os Evangelhos que no terrenal se expressa o celestial? Uma força poderosa empurra a minha mão...

O CONFESSOR (agitando a cruz de madeira, como para bater em sor Juana de longe) - Força de Deus ou força do rei dos soberbos?

SOR JUANA - ... e escrevendo continuarei, temo, enquanto o corpo me der sombra. Fugia de mim quando tomei os hábitos, mas, miserável de mim!, trouxe-me a mim mesma comigo.

SOR FILOTEA - Toma banho nua. Há provas.

SOR JUANA - Apaga, senhor, a luz de meu entendimento! Deixa apenas a que baste para guardar a tua lei! Não sobra todo o resto, em uma mulher?

O CONFESSOR (gemendo, rouco, voz de corvo) - Envergonhe-se! Mortifi-
que teu coração, ingrata!

SOR JUANA - Apague-me. Apague-me, meu Deus!

(Cidade do México - 1691)



JUANA AOS QUARENTA E DOIS

Lágrimas da vida inteira, brotadas do tempo e da pena, em -
papam a sua cara. No fundo, no triste, vê nublado o mundo. Derrotada,
diz adeus.

Vários dias durou a confissão dos pecados de toda a sua exi
tência frente ao impassível, implacável padre Antonio NUñez de Miran-
da, e todo o resto será penitência. Com tinta de seu sangue, escreve
uma carta ao Tribunal Divino, pedindo perdão.

Já não navegarão suas velas leves e suas quilhas graves pe-
lo mar da poesia. Sor Juana Inês de la Cruz abandona os estudos huma-
nos e renuncia às letras. Pede a Deus que lhe dê como presente o es-
quecimento e escolhe o silêncio, aceita-o, e assim perde a América a
sua melhor poetisa.

Pouco sobreviverá o corpo a este suicídio da alma. Que se en-
vergonha a vida de durar-me tanto...

(Cidade do México - 1693)

A TEIA DE ARANHA

Bebeágua, sacerdote dos sioux, sonhou que seres jamais vis-
tos teciam uma enorme teia de aranha ao redor de sua aldeia. Despertou
sabendo que assim seria, e disse aos seus: Quando esta estranha raça
termine sua teia de aranha, nos trancará em casas cinzentas e quadradas,
sobre terra estéril, e nessas casas morreremos de fome.

AGUIRRE



No centro do palco, machado na mão, aparece Lope de Aguirre rodeado de dezenas de espelhos. O perfil do Rei Felipe II se recorta, negro, imenso, sobre o pano de fundo.

LOPE DE AGUIRRE falando ao público. Caminhando nossa derrota, e passando por mortes e desventuras, tardamos mais de dez meses e meio em chegar à boca do rio das Amazonas, que é rio grande e temeroso e mal afortunado. Depois, tomamos posse da ilha Margarita. Ali cobrei em força ou porrete vinte e cinco traições. E depois, abrimos passo em terra firme. Tremem de medo os soldados do rei Felipe! Logo sairemos da Venezuela... Logo entraremos triunfantes no reino do Peru! (Dá a volta e enfrenta sua própria imagem, de dar pena, em um dos espelhos.) Eu fiz de Don Fernando de Guzmán rei no rio das Amazonas! (Ergue o machado e parte o espelho) Eu o fiz rei e eu o matei! E o capitão de sua guarda e o tenente-general e quatro capitães! (Enquanto fala, vai despedaçando todos os espelhos, um atrás do outro) E seu mordomo e seu capitão capelão! E uma mulher que estava contra mim e um comendador de Rodas, e um almirante... e seis outros aliados!... E nomeei de novo capitães e sargento-mor! E quiseram me matar e os enforquei! (Pulveriza os últimos espelhos) Matei todos! Todos! (Senta-se, muito sufocado, no chão coberto de cristais. Nas mãos, vertical, o machado. O olhar perdido. Longo silêncio) Em minha mocidade passei o oceano indo às terras do Peru, por valer mais com a lança na mão... Um quarto de século!... Mistérios, misérias... Eu cavei cemitérios arrancando para outros praticarias e xícaras de ouro... Montei forcas no centro de cidades não nascidas... A cavalo, persegui multidões. Os índios fugindo apavorados através das chamas. Cavaleiros de pomposo título e emprestadas roupas de seda, filhos de sei lá quem, filhos de ninguém, agonizando na selva, raivosos, mordendo terra, o sangue envenenado pelos dardos... Na cordilheira, guerreiros de armadura de aço atravessados de lado a lado por vendavais mais violentos que qualquer tiro de arcabuz... Muitos entraram sepultura no ventre dos abutres... Muitos ficaram amarelos como o ouro que buscavam... A pele amarela, os olhos amarelos... E o ouro... (Deixa cair o machado. Abre com dificuldade as mãos, que são como garras. Mostra as palmas) Desvanecido... Ouro que virou sombra ou

orvalho... (Olha com estupor. Fica mudo, longos momentos. De repente, se levanta. De costas para o público, ergue o punho seco e torto contra a enorme sombra de Felipe II, projetada, a barba em ponta, no pano de fundo) Poucos reis vão ao inferno, porque poucos sois! Ingrato! Eu perdi meu corpo defendendo-te contra os rebeldes do Peru! Te entreguei uma perna e um olho e estas mãos que pouco me servem! Agora, o rebelde sou eu! Rebelde até a morte, por tua ingratidão! (Encara o público, desembainha a espada) Eu, Príncipe dos rebeldes! Lope de Aguirre o Peregrino, Ira de Deus, Caudilho dos feridos! Não te necessitamos rei da Espanha! (se acendem luzes coloridas sobre varios pontos no palco) Não deixaremos com vida ministro teu! (se atira, com a espada na mão, sobre um facho de luz avermelhada) Auditores, governadores, presidentes, vice-reis! Guerra de morte contra os alcagüetes cortesãos! Usurpadores! Ladrões! (A espada fere o ar) Vós destruístes as Índias! Letrados, tabeliães, caga-tintas! Até quando haveremos de sofrer vossos roubos nestas terras por nós ganhadas? (as cuteladas atravessam um facho de luz branca) Frades, bispos, arcebispos! Vós não quereis enter- rar nenhum índio pobre! Por penitência tens na cozinha uma dúzia de mo- ças! Traficantes! traficantes de Sacramentos! Ladrões! (E assim conti- nua o inútil torvelinho da espada contra os fachos de luz imóvel, que se multiplicam no palco. Aguirre vai perdendo as forças e parece cada vez mais solitário e pequenino).)

(Nova Valencia do Rei - 1561)

EM UM LUGAR DO CÁRCERE

Foi ferido e mutilado pelos turcos. Foi assaltado pelos pi- ratas e açoitado pelos mouros. Foi excomungado pelos curas. Esteve pre- so em Argel e em Castro del Rio. Agora está preso em Sevilha.

Sentado no chão, na frente da cama de pedra, duvida. Molha a pluma no tinteiro e duvida, os olhos fixos na luz da vela, a mão ú- til quieta no ar.

Valerá a pena insistir? Ainda doi a resposta do Rei Felipe, quando pela segunda vez pediu um emprego na América: Busque por aqui no que se lhe faça mercê. Mudaram as coisas desde então, mas para pior. Antes teve, pelo menos, a esperança de uma resposta. Há tempos que o rei de negras roupas, ausente do mundo, não fala com ninguém além de

seus próprios fantasmas, entre os muros do Escorial.

Miguel de Cervantes, solitário em sua cela, não escreve ao rei. Não pede nenhum cargo disponível nas Índias. Sobre a folha nua, começa a contar as desventuras de um poeta errante, fidalgo dos de lança emriste, adaga antiga, cavalgadura magra e galgo corredor.

Soam tristes ruídos no cárcere. Não es escuta.

(Sevilha - 1597)

CERVANTES

- Que novas trazes de nosso pai?

- Jaz, senhor, entre lágrimas e rezas. Inchado está, e de cor cinza. Já pôs a alma em paz com o escrivão e com o padre. As carpideiras esperam.

- Se tivesse eu o bálsamo de Ferrabrás... Dois goles e no ponto sararia!

- Aos setenta anos que quase tem, e em agonia? Com seis dentes na boca e uma só mão que serve? Com cicatrizes tantas de batalhas, afrontas e prisões? De nada serviria esse feio Brás.

- Não digo dois goles. Duas gotas!

- Tarde chegaria.

- Morreu, dizes?

- Morrendo está.

- Descubra-se, Sancho. E tu, Rocinante, baixa a testa. Ah, príncipe das armas! Rei das letras!

- Sem ele, senhor, o que será de nós?

Nada haveremos de fazer que não seja em sua alabança.

- Onde iremos parar, tão sozinhos?

- Iremos onde ele quis e não pôde.

- Onde, senhor?

- A endireitar o que torto está na costa de Cartagena, nos ribanceira de La Paz e os bosques de Soconuco.

- Para que nos moam por lá os ossos.

- Hás de saber, Sancho, irmão meu de caminhos e correrias, que nas Índias a glória aguarda os cavaleiros andantes, sedentos de justiça e fama...

- Como foram poucas as chibatadas...



- ... e recebem os escudeiros, em recompensa, imensos reinos jamais explorados.

- Não os haverá mais perto?

- E tu, Rocinante, fique sabendo: nas Índias, os cavalos calgam prata e mordem ouro. São tidos por deuses!

- Depois de mil tundas, mil e uma.

- Cale-se, Sancho.

- Não nos disse nosso pai que a América é refúgio de malandros e santuário de putas?

- Cala, te digo!

- Quem às Índias embarca, nos disse, no cais deixa a consciência.

- Pois lá iremos, a lavar a honra de quem livres nos pariu no cárcere!

- E se aqui o choramos;

- Homenagem chamas semelhante traição? Ah, velhaco! Voltaremos ao caminho! Se para ficar no mundo nos fez, pelo mundo o levaremos. Alcançai-me o elmo! A adarga ao braço, Sancho! A lança!

(Madrid - 1616)

O NÁUFRAGO E O OUTRO

Um vento de sal e de sol castiga Pedro Serrano, que perambula nu pelo despenhadeiro. Os alcatrazes revoam perseguindo-o. Com uma das mãos como viseira, ele tem os olhos postos no território inimigo.

Desce até a enseada e caminha pela areia. Ao chegar à linha da fronteira, mija. Não pisa a linha, mas sabe que se do lado de lá o outro estiver olhando de algum esconderijo, dará um pulo para pedir satisfações por este ato de provocação.

Mija e espera. Os pássaros gritam e fogem. Onde terá se metido? O céu é um resplendor branco, luz de cal, e a ilha uma pedra incandescente; brancas rochas, sombras brancas, espuma sobre a areia branca: um mundinho de sol e de cal. Onde terá ido parar este canalha?

Faz muito tempo que o barco de Pedro partiu-se em pedaços, naquela noite de tormenta, e os cabelos e a barba já lhe chegavam ao peito quando apareceu o outro, montado em uma madeira que a maré raivosa jogou à costa. Pedro escorreu-lhe a água dos pulmões, deu-lhe de co

mer e de beber e ensinou-lhe a não morrer nesta ilhota deserta, onde só crescem as rochas. Ensinou-lhe a virar as tartarugas e a degolá-las de um só talho, a cortar a carne em rabanadas para secá-la ao sol e a recolher a água da chuva nos seus cascos. Ensinou-lhe a rezar pela chuva e a capturar mariscos debaixo da areia, mostrou-lhe refúgios de caranguejos e camarões e ofereceu-lhe ovos de tartaruga e as ostras que o mar trazia, grudadas nos galhos dos mangues. O outro soube por Pedro que era preciso recolher tudo que o mar entregasse aos arrecifes para que noite e dia ardesse a fogueira, alimentada por algas secas, sargaços, ramos perdidos, estrelas-do-mar e ossos de peixe. Pedro ajudou-o a levantar um telhadinho de cascos de tartaruga, um quase nada de sombra contra o sol, na ilha sem árvores.

A primeira guerra foi a guerra da água. Pedro suspeitou que o outro roubava enquanto ele dormia, e o outro acusou-o de beber goles de animal. Quando a água esgotou-se, e se derramaram as últimas gotas disputadas a socos, não tiveram mais remédio além de beber cada um a própria urina e o sangue da única tartaruga que se deixou ver. Depois estenderam-se para morrer na sombra, e não lhes restava saliva para nada mais do que insultar-se baixinho.

Finalmente a chuva os salvou. O outro opinou que Pedro, bem poderia reduzir à metade o teto de sua casa, já que os cascos escasseavam tanto:

- Tens um palácio - disse - e em minha casa passo o dia torto.

- Que te fudas tu - disse Pedro - e a puta que pariu. Se não gostares de minha ilha, dê o fora! - E com um dedo apontou o vasto mar.

Resolveram dividir a água. Desde então, há um depósito de chuva em cada ponta da ilha.

A segunda foi a guerra do fogo. Se turnavam para cuidar da fogueira, para o caso de que algum navio passasse ao longe. Uma noite, estando o outro de guarda, a fogueira se apagou. Pedro despertou-o com maldições e safanões.

- Se a ilha é tua, ocupa-te dela, seu puto - disse o outro, e mostrou os dentes.

Rodaram pela areia. Quando se fartaram de golpear-se, resolveram que cada um acenderia seu próprio fogo. A faca de Pedro açoitou a pedra até arrancar-lhe chispas; e desde então há uma fogueira em cada ponta da ilha.

A terceira foi a guerra da faca. O outro não tinha com que cortar e Pedro exigia camarões frescos como pagamento cada vez que lhe emprestava a faca.

Explodiram depois a guerra da comida e a guerra dos colares de caracóis.

Quando acabou a última, que foi a pedradas, firmaram um armistício e um tratado de limites. Não houve documentos, porque nesta de solação não se encontra nem uma folha de cactus para desenhar um rabisco, e além disso nenhum dos dois sabe assinar; mas traçam uma fronteira e juraram respeitá-la por Deus e pelo rei. Jogaram para o alto uma vértebra de peixe. A Pedro coube a metade da ilha que dá para Cartagena. Ao outro, a que dá para Santiago de Cuba.

E agora, de pé frente a fronteira, Pedro morde as unhas, ergue a vista para o céu, como se buscasse chuva, e pensa: "Deve estar escondido em algum canto. Sinto seu cheiro. Porco. No meio do mar, e já - mais toma banho. Prefere fritar-se em seu óleo. Por aí anda, sim, escondendo-se".

"Ingrato", grita, "Filho da Puta!", grita, e grita até arrebentar a garganta, e corre e percorre a ilha de ponta a ponta, a torto e a direito, sozinho e nu na areia sem ninguém.

(Ilha Serrana - 1531)

